

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

MOCELLIN, Renato. **História e Cinema**: educação para as mídias. São Paulo: Editora do Brasil, 2009.



O GROTESCO E A MENTALIDADE CRISTÃ MEDIEVAL NO IMAGINÁRIO POPULAR DO NORDESTE BRASILEIRO

SILVA, Cássia A.
MARTINS, Elizabeth D. (Orientadora)

Resumo: O presente trabalho traça um paralelo entre a cultura popular medieval, por meio de obras históricas, e a cultura popular do Nordeste brasileiro, através de alguns cordéis de metamorfose. A partir da leitura desses cordéis, identificamos o grotesco e os motivos pelos quais ele existe num exercício de comparação embasado na *Teoria da Residualidade*, proposta por Roberto Pontes.

Palavras-chave: Grotesco. Cordel de metamorfose. Residualidade. Medievalidade

O cordel de metamorfose¹⁹, como o próprio nome já diz, tem como característica principal a metamorfose de um personagem, normalmente o personagem principal da obra. O processo metamórfico constitui a mudança da forma física e/ou do caráter do indivíduo. Essa transformação ocorre por alguns motivos, um dos principais é o desvio de alguma norma, de algum padrão. Um ser humano assume a forma de um animal repugnante e as características ligadas ao mal são sempre ressaltadas através desse animal.

O grotesco se configura como tudo aquilo que foge à normalidade e causa repugnância, riso cômico ou mesmo horror e temor. Nos cordéis de metamorfose por nós analisados, o grotesco existe tanto num animal, quanto nas atitudes da pessoa que foi transformada. Depois da leitura dos cordéis, constatamos que o grotesco é fruto das remanescências da mentalidade cristã medieval no Nordeste do Brasil.

Para constatar essas remanescências, tomamos por base a *Teoria da residualidade*²⁰. Assim, mostramos que a mentalidade do grotesco encontrado no cordel de metamorfose é um *resíduo* medieval que se *crystalizou* no decorrer dos séculos e, através do processo de *hibridação cultural* e

¹⁹ A classificação “cordel de metamorfose” foi proposta por diversos autores responsáveis pela organização temática dos folhetos. Cordéis desse tipo foram estudados na obra *O mito na literatura de cordel*, de Luiz Tavares Júnior.

²⁰ A *teoria da residualidade* foi proposta por Roberto Pontes e é base dos Estudos sobre *residualidade* literária e cultural, certificado pela UFC e cadastrado junto ao CNPQ. A teoria diz respeito àquilo que remanesce de uma cultura em outra e serve de base para vários trabalhos acadêmicos na área de literatura e cultura.

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

de *endoculturação*, alcançou a cultura nordestina. O *residual* é formado no passado, mas continua vivo no presente, e não se pode dizer que é o passado em si, mas, sim “um elemento efetivo do presente” (WILLIAMS, 1979, p. 125). Isso ocorre, pois,

O passado nunca morre por completo para cada homem. O homem pode esquecê-lo, mas continua sempre a guardá-lo no seu íntimo, pois seu estado em determinada época é produto e resumo de todas as épocas anteriores. Se ele descer à sua alma, poderá encontrar e distinguir nela as diferentes épocas pelo que cada uma deixou gravada em si mesmo (COULANGES, 1961, p. 30).

Agora, vejamos como isso acontece. Primeiro, temos o processo de *endoculturação* que é mais individual. É o caminho pelo qual todos os seres humanos passam desde o nascimento. Um indivíduo que nasce no Brasil, um país com diversas religiões, mas que tem o cristianismo ainda como sua base, pode encarar como feio todos os feitos que vão de encontro aos princípios da Igreja. É um dos motivos pelo qual a *mentalidade* do passado encontra-se no presente. Lendas e histórias são apreendidas e internalizadas pelo indivíduo que sempre as repassa através do seu ato comunicativo.

A *hibridação cultural* ocorre quando há a fusão de duas ou mais culturas diferentes que formam uma nova cultura híbrida.. A *hibridação* trata de todas as fusões que envolvem a cultura, como “as fusões raciais ou étnicas denominadas mestiçagem, o sincretismo de crenças e também de outras misturas modernas entre o artesanal e o industrial, o culto e popular, o escrito e o visual nas mensagens midiáticas” (CANCLINI, 2003, p. 27). Acontece a partir de contatos, é a combinação de diferentes que forma um novo híbrido, como aconteceu no Nordeste do Brasil. O povo nordestino recebeu e assimilou as lendas vindas da Europa e, consciente ou inconscientemente, repassou tais histórias e, certamente, modificou, ainda que pouco, aquilo que ouviu.

A *cristalização* diz respeito ao polimento pelo qual passam os produtos culturais. O objeto cristalizado não é, portanto, algo acabado, ou que se torna imóvel, mas sim, algo que está em constante processo de transformação. Não se pode entender a palavra polir como algo que retira o que é ruim e deixa só o bom, mas como um processo de mudança pelo qual inevitavelmente toda cultura tem de passar, mas sem que deixe algo do passado nela. No processo de *cristalização* fica o *resíduo* remanescente do polimento que decorreu de anos e anos.

Nos cordéis encontramos várias regras que são impostas pela sociedade nordestina religiosa. No folheto *O homem que virou macaco* a metamorfose acontece depois que a personagem principal escarnece da figura de uma autoridade da Igreja. Entre as regras sociais observadas nessa obra,

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

temos a veneração da figura do santo padre. Quem zombasse do sacerdote era considerado imundo. Também observamos a linguagem grotesca. Nos cordeis há muitos trechos nos quais são usadas palavras torpes relacionadas com um indivíduo ou uma situação. Pessoas são afrontadas. Tais palavras expressam asco, ou, de alguma forma, ofendem a moralidade.

No cordel *O rapaz que virou barrão ou o porco endiabrado*, dos irmãos Klévisson Viana e Arievaldo Lima, desde o título da obra, algumas conclusões podem ser tomadas. Na obra, o personagem principal, Jomar Lacerda, é castigado a viver como porco por obrigar sua mãe a comer um prato de dejetos.

Os autores dão dois títulos ao cordel: "O rapaz que virou barrão", "O porco endiabrado". Atentemos para o primeiro: o barrão é um tipo de porco, a palavra é uma variante de varrão. É aquele porco escolhido para ser reprodutor e, portanto, não pode ser castrado. Vulgarmente, chama-se assim o homem "mulherengo". No segundo título, lembramos que o porco é um animal considerado imundo em alguns casos, pois come de tudo e por isso comparado ao diabo. Referências a esse animal como imundo não faltam, principalmente na Bíblia, o livro base da religião cristã.

Uma das significações da palavra porco no dicionário Houaiss de Língua portuguesa é: indivíduo sujo. Sabe-se, através da leitura do cordel, que o rapaz tinha afinidade com a sujeira e não sentia asco para com o abjeto:

Ele bateu na velhinha
Depois espremeu um gato
Fez o bicho defecar
Até encher bem o prato
“- come velha desgraçada
Agora tu paga o pato” (VIANA; LIMA, 2002, p. 03).

Nos bestiários medievais os porcos tanto são considerados animais imundos porque se revolvem e sujam na terra à procura de alimentos, em algumas culturas, como a judaica é proibido alimentar-se da carne do porco devido a sua imundície. Na cultura popular do Nordeste é possível encontrar ainda hoje pessoas que preferam não comer tal carne, essas pessoas alegam que o porco necessita de uma limpeza profunda e que, ainda assim, pode não tirar todas as impurezas e causar doenças graves. No cordel, quando o rapaz vira porco, essas características se tornam ainda mais perceptíveis:

Tinha uma poça de lama
Ele roncando espojou-se

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Na lama da dita poça
Jomar Lacerda sujou-se
A partir daquele dia
Sua vida transformou-se

Botavam janta pra ele
Porém ele não queria
Comeu um saco de milho
Que lá na cozinha havia
Todo caroço de manga
Que ele avistava comia

Banho ele não tomava
Nem dormia mais na cama
Vivia agora atolado
Em uma poça de lama (*Ibidem*, p. 04 e 05)

Mas nos bestiários o porco também se liga à idéia de luxúria e da gula. O porco começa a copular aos oito meses. Lembremos que o pecado da luxuria, principalmente, é bastante condenado, pois ao cometê-lo o homem deixa que o seu corpo domine, enquanto o lado espiritual é deixado de lado. Na Idade Média os prazeres da carne deveriam ser evitados para se ter uma melhor convivência com Deus.

A personagem convive muito bem com a imundície, faz jus à metamorfose que lhe acontece. Portanto, a relação do rapaz com o animal no qual é metamorfoseado não é gratuita. Esse fato é uma recorrência na maioria dos cordéis de metamorfose. O ser no qual o indivíduo é transformado é, na verdade, uma metáfora da personalidade do indivíduo.

Na derivação por extensão de sentido, também proposta no dicionário de Houaiss, o porco representa a figura do diabo. Mais uma vez, a significação tem profunda ligação com personagem. Logo no título do cordel isso pode ser percebido: “o porco endiabrado”. Para a religião cristã, as atitudes de mau caráter praticadas por Jomar Lacerda indicam que nele está um espírito do mal. São coisas provocadas pelo diabo. Na bíblia o pecado pode vir de três lugares: da carne, do mundo e do próprio diabo. O diabo é o destruidor, então ele se apossa do indivíduo para, através dele, obter êxito nos seus planos, como destruir famílias, para então destruir a igreja e então destruir a sociedade. Depois que é transformado em porco, Lacerda age como se estivesse tomado por um espírito maligno:

A chegada de Jomar
Causou grande confusão
A mãe de santo correu
No meio da multidão
E não houve cantimbó
Que detivesse o barrão

**I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares:
"Antiguidade e Medievalidade nos textos"**

Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará

Fortaleza (CE), 10 – 11 – 12 de Agosto de 2011.

Saindo deste terreiro
Após grande panacéia
Entrou no templo da seita
“Pregadores da Judéia”
Vejam o que ele aprontou
Na calçada da Assembléia

Encontrou uma evangélica
Rasgou-lhe a roupa no dente
Se escanchou em cima dela
Com um roçado diferente
Dizem que ele fez mal
À coitada dessa crente. (*Ibidem*, p. 07)

Como observamos nesse estudo, o cordel de metamorfose do Nordeste é fruto do imaginário deste local que traz remanescências próximas ou distantes, conscientes ou inconscientes e mostram a riqueza dessa literatura. O grotesco é apenas um dos muitos aspectos remanescentes da mentalidade cristã medieval que podem ser encontrados nos cordéis de metamorfose. Muito se pode dizer ainda sobre esse elo entre o Nordeste do Brasil e a Europa medieval. Nas obras de cordéis, de uma forma geral, assim como em outras literaturas, se olharmos com atenção, veremos que, na verdade, nada é novo, tudo é residual.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. Versão Revista e Corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações/ Imprensa Bíblica Brasileira, 2005.

COULANGES, Fustel. **A cidade antiga.** São Paulo: Edameris, 1961.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

JUAZEIRO, João Pedro do. **O homem que virou macaco.** Juazeiro do Norte: Folheteria Padre Cícero, 2005.

TAVARES JÚNIOR, Luiz. **O mito na literatura de cordel.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

VIANA, Klévisson e LIMA, Arievaldo. **O rapaz que virou barrão ou o porco endiabrado.** Fortaleza: Tupynanquim, 2002.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

